

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 01 de setembro de 2025 às 07h57
Seleção de Notícias

MSN Notícias | BR

Pirataria

IA é forma sofisticada de pirataria, diz Laurentino Gomes 3
MSN

IA é forma sofisticada de pirataria, diz Laurentino Gomes

Assine já a Folha e tenha acesso ilimitado a notícias em tempo real, 150 colunas e newsletters exclusivas! Oferta exclusiva, não perca!

SÃO PAULO, SP (FOLHAPRESS) - A revelação de que empresas de inteligência artificial americanas usaram cópias piratas também livros de brasileiros foi recebida com críticas por autores, agentes e herdeiros de espólios literários. É o caso de Laurentino Gomes, autor de best-sellers sobre a história do Brasil --a edição americana de "1808", escrito por ele, é uma 109 obras de autores brasileiros disponível em uma base de livros piratas que Meta e Anthropic usaram para treinar seus modelos de IA.

Da esq. para a dir.: o escritor Paulo Coelho, no prédio onde mora, em Genebra; Clarice Lispector, em foto sem data; Jorge Amado, em retrato de dezembro de 1972; e Chico Buarque, em recorte de capa do disco "Chico Buarque de Hollanda", de 1966 Niels Ackermann/Rezo; dez.72/Folhapress; Divulgação; Reprodução Montagem A imagem apresenta quatro retratos de pessoas em uma linha horizontal. À esquerda, um homem de cabelo grisalho e barba, usando óculos e uma camisa preta. Ao lado, um homem mais velho com cabelo grisalho e óculos, vestindo uma gravata e uma camisa clara. Em seguida, uma mulher com cabelo curto e escuro, usando um colar, com uma expressão séria. "O que hoje é vendido às pessoas como inteligência artificial --como se fosse uma capacidade extraordinária da tecnologia de imitar ou superar a capacidade humana-- por enquanto ainda é apenas uma forma muito sofisticada, avançada e complexa de **pirataria**", diz Laurentino. "Ou seja, o roubo puro e simples de conteúdo."

Já há mais de 40 processos por violações de **direitos** autorais nos Estados Unidos contra empresas de inteligência artificial. As ações contra a Meta e a Anthropic estão entre as mais rumorosas, pelo fato de as

duas empresas terem recorrido a cópias piratas de livros na **internet** para treinar chatbots. Um outro processo, contra a Microsoft, foi anexado ao primeiro por tratar das mesmas questões.

Em ambos os casos, a Justiça americana concordou que empregar os livros em si era uso justo. No da Anthropic, contudo, o magistrado viu uma violação de **direitos** autorais no uso das cópias piratas --e transformou o caso em uma ação coletiva, que pode gerar indenizações a autores de cerca de 7 milhões de livros.

Na terça-feira (26), a empresa comunicou à Justiça que chegou a um acordo com os autores do processo original, mas não divulgou detalhes da negociação. Agora, o juiz do caso precisa avaliar se o pacto atende de forma satisfatória os interesses da classe e validá-lo.

A Folha fez um levantamento em uma das bases de livros pirateados usada pelas empresas, a Books3, conhecida no treinamento de modelos de IA. Além de Laurentino, o conjunto tem cópias ilegais de obras de Clarice Lispector, Paulo Coelho, Chico Buarque e Raduan Nassar, entre outros --são 31 autores brasileiros em sete idiomas, no total.

Procuradas, Meta, Anthropic e Microsoft não quiseram comentar o caso.

"Os norte-americanos, que tão bem defenderam e até hoje defendem suas **patentes**, deveriam se empenhar mais em defender os direitos dos autores. É uma contradição do capitalismo dos EUA desrespeitar **direitos** autorais", diz Laurentino, que defende que autores busquem reparação financeira em casos assim.

Já Lúcia Riff, fundadora da maior agência literária do país, se diz "chocada com a falta de vergonha dessas

Continuação: IA é forma sofisticada de pirataria, diz Laurentino Gomes

mega empresas". A Agência Riff representa as obras de Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles e João Cabral de Melo Neto, autores com livros na Books3.

"As edições piratas são, por definição, não confiáveis. É infinito o número de textos com autoria errada na **internet**. Normalizar esse uso é surreal", diz a agente.

Presidente do Instituto Hilda Hilst é responsável pela gestão do patrimônio da autora, Daniel Fuentes diz que nunca foi procurado para licenciar a obra da escritora para o desenvolvimento de chatbots.

Ele compara a atuação das empresas de tecnologia a um trabalho de digitalização da biblioteca de Hilda que o instituto hoje desenvolve para compartilhar anotações e desenhos da escritora. "Até do ponto de vista de um acervo, que tem óbvio interesse público e não tem interesse comercial porque é uma disponibilização gratuita, a gente está limitado e pode digitalizar apenas trechos."

Fernando Quintino, sócio do escritório CQS/FV, que atua no setor de mídia e entretenimento, diz que a lei de **direitos** autorais brasileira obriga as empresas de IA a obterem permissão se quiserem usar livros no treinamento de modelos de linguagem. "Se autorizada, a empresa deve revelar quais foram as obras utilizadas para gerar a obra artificial", diz ele.

Como são ferramentas desenvolvidas por pesquisadores na academia e no setor privado, já foi mais comum que novas versões de modelos de linguagem viessem acompanhadas de artigos em que os cientistas explicavam em detalhes quais bases de dados usaram. Com o acirramento da competição nesse setor, a transparência diminuiu --a última vez que a OpenAI divulgou as bases que usou para treinar seu chatbot, por exemplo, foi com o ChatGPT-3.5. Por isso, autores que buscam reparação precisam recorrer a relatórios de modelos antigos.

O Brasil não tem "uso justo" como os EUA, que permite a utilização gratuita para pesquisa e ensino. A lei brasileira tem um rol limitado de exceções, que não inclui desenvolvimento tecnológico.

Nem a mineração de dados na **internet** é considerada exceção. No Brasil, qualquer uso de material protegido sem autorização pode ser violação, mesmo que não haja ciência da empresa.

"Sempre dizemos que o direito corre atrás da tecnologia. Os casos ainda são muito recentes para terem gerado jurisprudência", diz a advogada Silvia Gandelman, que representa a obra de Jorge Amado. "Mas o direito de 'uso justo' americano é mais elástico, o nosso é mais estreito, somos mais influenciados pelo direito europeu nessa área."

Índice remissivo de assuntos

Direitos Autorais

3

Pirataria

3

Patentes

3